

Gravura antiga.

A gravura em madeira, que muitos querem fosse descoberta ou introduzida na Europa entre os annos de 1400 a 1430, predominou por mais de dois seculos, ainda mesmo depois de generalisada a typographia, e até chegou a ser indispensavel ornato dos livros, mórmente os de devoção: afrouxou depois pouco a pouco, sendo offuscada pela sua brilhante rival, a gravura em cobre. André Mantegna, nascido em 1451, e fallecido em 1517, pintor da eschola lombarda, foi o inventor de abrir as estampas a buril. E Thomaz Finiguerra, ourives de Florença, em 1452, foi o auctor da impressão de gravuras feitas em metal. A estampa que apresentâmos reproduzida, foi, no anno de 1631, gravada por Bartholomeus Coriolanus Eques Bonoriensis, o qual abriu em madeira as obras de Guido Reni, e as dedicou ao papa Urbano VIII, que o gratificou com o titulo de Cavalleiro do Loreto, cuja ordem havia sido instituida pelo papa Xisto V, no anno de 1587. Usavam os cavalleiros de esporas douradas, pelo que foram chamados *cavalleiros dourados*, e traziam ao peito uma medalha com a imagem de Nossa Senhora do Loreto. Representa a gravura Salomé, apresentando a sua mãe Herodias, neta de Herodes o Grande, a cabeça de S. João Baptista, como consta do Evangelho de S. Matheus cap. XIV. V. II. «E foi trazida a sua cabeça em um prato, e dada á moça, que a levou a sua mãe.» Esta passagem foi assumpto d'um quadro de Guido Reni, de que se tirou a gravura. Nasceu este pintor em Calvenzano, perto de Bolonha, no anno de 1575; foi discipulo de Agostinho e Annibal Caracci. Apenas saiu da eschola dos Caraccis, imitou o estilo de Miguel Angelo Amerigi de Caravagio; e d'esta primeira maneira é a Crucifixão de S. Pedro, na nova sacristia vaticana. Depois adoptou outra maneira mais graciosa e transparente, (1) na qual a encarnação parece ter sangue que circula, e n'este segundo estilo pintou um S. Miguel, nos Capuchinhos em Roma. (2) Ha d'elle muitos quadros d'uma terceira fórma negligente, e com esta pintou as obras, que, perseguido da miseria por causa do jogo, vendia aos contratadores de quadros. Geralmente se admira nas suas obras a graça e a magestade, delicado gosto de desenho e de roupagens; cabeças que assombram tanto pela expressão dos gestos, como pela fórma graciosa que soube dar aos beiços, e por uma certa modestia nos olhos. Nada mais seria para desejar nas suas obras, senão o espirito e gesto de Annibal Caracci. Guido Reni morreu em 1642. Pertenceu á eschola bolonheza; (3) os caracteres distinctos d'esta eschola são grande gosto de desenho, formado sobre o antigo, e sobre a bella natureza; côres mui naturaes, contornos fluidos, e uma rica disposição, com um toque judicioso, nobre e engraçado. Soube formar um composto do bom e do bello das outras escholas, e é-lhe devedora a pintura por se ter opposto ao gosto amaneirado, que n'aquelles tempos

(1) D'esta maneira é o quadro original da gravura exhibida.
(2) Do qual ha uma estampa gravada por *Jacobus Frey*, em 1734.
(3) Da qual foi chefe *Ludovico Caracci*.

dominava na Italia. Deduz sua origem da eschola lombarda, de que foi chefe André Mantegna, já citado.

A* * *

ROMA

PELO ABBADE DE LAMMENAIS.

Houve quem affirmasse que Roma era a patria dos homens que não tinham patria. Não comprehendemos que ella possa ser patria para ninguem, se dermos o verdadeiro significado á palavra. Não direi que não possue alguma cousa de particularmente attractivo, ainda que essa impressão pouco ou nada se nos revele ao principio. O que se experimenta nos primeiros dias é uma especie de aborrecimento profundo, de pesada e vaga tristeza. A cada passo que damos, o pé pousa sobre ruinas e revolve as cinzas confundidas dos homens das diversas raças e nações que, durante trinta seculos, vencedores ou vencidos, senhores ou escravos, habitaram essa terra de desolação, e de grandeza. Reconheceis ainda, n'esse confuso montão de reliquias, o vestigio de differentes epochas e povos, e de tudo isto se eleva não sei qual funebre emanação do sepulchro, que adormece, acalma, e acalenta a alma nas sonhadas visões do somno extremo.

Póde-se alli vir para a morte, mas não para a vida, porque tudo é apenas uma sombra. Nenhum movimento existe, a não ser o dos pequenos interesses que se rojam e barafustam no seio das trevas, como os vermes no fundo de um sepulchro. Póde o povo erguer-se perante nós como spectro do passado. A cidade rainha, situada no meio de um deserto, tornou-se a cidade da morte: é esta que alli reina em todo o seu poder e na sua tremenda magestade.

O que é, além de tudo, a população d'esta cidade decadente? Um pequeno numero de familias realmente romanas apenas vegetam obscuramente. Todos os grandes nomes da edade-media, os Colonna, os Orsini, os Savelli, ou desappareceram, ou estão a ponto de se extinguir. A nobreza de principes e duques não pertence ao paiz, nem pela natureza da sua instituição, nem por serviços prestados, nem pela sua origem. Foi, durante muitos seculos, um costume consagrado, que cada um dos papas engrandecesse e locupletasse os seus filhos, legitimos e outros, ou se não os seus sobrinhos: e frequentemente os sequestros, as espoliações, as rapinas, foram os fundamentos d'estas casas, quasi todas hoje caídas em decadencia. Ao excesso do fausto affirma-se que succedeu um excesso contrario. Retirada nos seus vastos e silenciosos palacios, aonde ninguem penetra, essa classe, que as suas recordações e os seus presentimentos conjunctamente tornam triste, creou uma solidão no centro da solidão. Um instincto natural leva todos os entes a isolarem-se quando sentem proximo o termo da existencia.

Aventureiros de todos os paizes, e de todas as profissões, frades de todas as nações, ecclesiasticos que surgem de todos os pontos do mundo, com a esperança de se adiantarem, ou pela necessidade de viver, constituem o excedente da população. Sem laço que a ligue, e sem unidade, a sua existencia é meramente passiva. Privada de direitos politicos, cujo nome até mesmo ignora, ella não tem nenhuma parte, directa ou indirecta, nem no governo, nem na administração. Cada qual não trata senão de si, e portanto, fóra da religião, ha apenas para uns o fim material do lucro, para outros os gozos que o presente offerece. O repouso, a ociosidade, o somno, interrompidos de tempos a tempos por espectaculos que excitam os sentidos, eis a felicidade como a concebem estes homens, nos quaes todavia ainda existe um germen de sentimentos mais elevados e mais energicos. A vida publica é nulla, nada existe que possa procurar uma nobre actividade, os vinculos sociaes estão soltos: o regimen estabelecido assenta de todos os lados no vil interesse privado. Especie de irrisão da Roma antiga, um senador, como o denominam, exerce no capitolio não sei que pequena jurisdicção de inferior instancia; e sobre o palacio do governador, cargo sempre confiado a um prelado, lê-se o famoso monogramma S. P. Q. R., cuja traducção mais exacta é ainda a do viajante francez: *si peu que rien.*

Roma conservou por muito tempo alguma cousa do seu antigo espirito, e das suas instituições modificadas pelos costumes geraes da edade-media. Foi um obstaculo á consolidação do dominio temporal dos papas. Tiveram que luctar, até ao decimo-sexto seculo, com o poder dos grandes barões, e com o que subsistia ainda das antigas liberdades municipaes. N'essa epocha operou-se uma revolução na sociedade. Instituiram-se as monarchias absolutas. Esta circunstancia concedeu aos pontifices a victoria: ficaram exclusivamente senhores. Despota por systema e por indole, Xisto-Quinto, para pôr termo ás opposições populares e feudaes, acabou de concentrar o poder entre as mãos do clero. O papa, e, abaixo d'elle, o summo collegio e a prelasia, exclusivamente investidos da auctoridade politica, administrativa e judiciaria, constituem o verdadeiro estado: o resto paga e obedece. É assim que os romanos são governados, administrados, e julgados por estrangeiros. Porque, não fallando do papa, os cardeaes e os prelados não estão ligados a Roma senão pelo acaso dos acontecimentos que alli os conduziram do resto da Italia, e da Europa inteira.

É isto acaso um povo? póde por ventura ser uma patria? Comtudo esta cidade extraordinaria, centro, em differentes epochas, das mais enormes corrupções politicas e moraes, não deixa, repetimos, de ter um poderoso attractivo, como o da visão de um mundo desvanecido. Desde as gigantescas construcções, attribuidas aos Tarquinios, até ao palacio Braschi, cada seculo marcou com o seu caracter esse sol que se levanta sobre escombros: vasto cemiterio aonde dorme uma longa serie de gerações. Cada uma d'ellas alli existe debaixo de uma pedra mais ou menos mutilada, e o caminhante que se inclina para ler a inscripção, não descobrindo senão feições informes, caracteres semi-apagados, retira-se cheio de tristeza, porque viu o que é o homem e o seu destino. Durante a sua rapida existencia, empenha-se em elevar sobre os limites do tempo faustosos edificios que hão de perpetuar, segundo elle suppõe, a sua memoria; e o tempo, na sua acção devastadora, mina-os pouco e pouco, e precipita-os no seio de abysmos insondaveis.

As recordações religiosas que abundam em Roma, as piedosas tradições que os monumentos christãos trazem á memoria em tão grande numero, produzem sem duvida uma viva impressão sobre as almas crentes. Como nos não havemos de commover profundamente no seio das catacumbas, que são ao mesmo tempo o S. Pedro e o vaticano da epocha gloriosa na qual os pontifices de Jesus Christo, tendo por altar os ossos dos martyres e por palacio uma abobada subterranea, celebravam ao clarão de uma pobre lampada, no meio da noite, os mysterios santos, e depois da oração que fortifica, diziam aos fieis: Quereis regenerar o mundo? pois então sabei padecer e morrer!

Na cidade e nos arredores, encontram-se numerosos objectos que podem excitar os mesmos sentimen-

tos que promove a vista das cryptas silenciosas e sombrias, aonde o christianismo perseguido lançava as suas primeiras raizes. Todavia o encanto de Roma dimana de uma causa mais geral, visto que ella do mesmo modo actua sobre os que nunca tiveram fé, ou que a perderam. Esse encanto parece ser aquelle que tem para o homem tudo quanto lhe representa expressivamente a sua grandeza e a sua fragilidade, o seu poder e a sua miseria. Ha n'estas ruinas, sobrepostas a outras ruinas, uma maravilhosa poesia do passado, e, no seu contraste com uma natureza fecunda e vigorosa, alguma cousa que leva o espirito para o que não passa; e sob esse envolucro mortal aonde está encerrado o nosso derradeiro ser, nos embala mollemente no seio de uma vaga immensidade, e nos repassa, como se houvessemos atravessado o sepulchro, da inesgotavel vida que Deus derramou no universo.

A parte de Roma mais habitada occupa perto do Tibre o recinto do antigo Campo-de-Marte; bordada de pequenas ruas irregulares e sordidas, offerece geralmente uma apparencia de pobreza, e um aspecto triste, apesar dos numerosos edificios que se accumulam em tão limitada superficie. Contempla-se ahi a edade moderna, antes que uma classe intermedia, que hoje domina na metade da Europa, se viesse collocar entre o povo e a aristocracia. A religião diminuia, sem a apagar, a distancia que havia entre estes dois termos extremos da sociedade, e a instituição monastica sobre tudo teve, debaixo d'este ponto de vista, uma influencia que seria injusto deprimir. Inferiores aos palacios, em relação á arte, as egrejas pertencem a uma epocha de decadencia para a architectura christã. Transfigurada á grega, segundo o gosto de então, o christianismo privou-se dos magnificos ornamentos de que o haviam enriquecido os artistas dos seculos de fé. Nada que recorde a velha cathedral com as suas fórmas symbolicas, as abobadas que se elevam sem fim, as flechas que volvem para o ceo como ardentes aspirações: os ornatos variados e significativos, a lua mysteriosa, os magestosos echos. Para substituir isto, zimborios pesados, com admiraveis pinturas a fresco, e outras obras de pincel; mas a ausencia completa de tudo quanto consegue apoderar-se d'alma, commovel-a energicamente, levando-a nas azas da meditação a um mundo superior.

Quasi inteiramente deserta hoje, por causa do terror exaggerado que inspira aos romanos l'*aria cattiva*, a Roma antiga contém pouco mais ou menos o espaço que occupam as sete collinas. Só o Citorio faz parte da cidade moderna. Uma fraca população disseminada n'esta vasta área, fórma aqui e alli como outros tantos logares, separados por culturas, algumas *villas*, e soberbas ruinas, taes como os banhos de Diocleciano, os de Tito, o Colyséo, o palacio dos imperadores sobre o Palatino, o arco de Septimio-Severo, a columna Trajano, e outras numerosas reliquias das magnificencias do povo-rei e dos Cesares que o desthronaram. Mais tarde o espirito christão lançou sobre este solo monumentos de um genero diverso, humildes capellas, immensas basilicas, entre as quaes S. Pedro se eleva magestosamente no fundo de uma praça, segundo me parece, a mais bella talvez da Europa: mosteiros, finalmente, que pela sua isolação, pelo silencio e tranquillidade que os circundam, inspiram uma suave melancolia.

A maior parte estão pouco habitados: alguns, inteiramente abandonados, vão sendo destruidos por falta de cuidado, e em breve tornar-se-hão verdadeiras ruinas. Assim, alli mesmo ha um aspecto de decadencia, e imagens de destruição; mas alli tambem a solidão é povoada pelas recordações que nos inspiram pensamentos graves e profundas emoções.

Debaixo de um ceo, umas vezes de azul escuro, outras vezes coberto de rubidos e abrazados vapores, e que terminam no horisonte em linhas de uma grandeza e suavidade que se não podem exceder, descobrem-se a cada passo admiraveis perspectivas que nenhum pincel poderia reproduzir, senão incompletamente.

Imaginae uma planicie immensa, desegual, similhante a um mar cujas ondas alevantadas em mil direcções repentinamente se houvessem petrificado: taes são os campos de Roma. Restos de aqueductos, fragmentos de tumulos, divisam-se aqui e além. O Tibre atravessa-os, açafroado, estreito, e vê-se as mais das vezes a sua corrente entre as margens escalvadas, como se adivinha o rasto de uma serpente que se escoa entre a relva do prado.

Depois, excepto sobre a via de Ostia, montanhas, apoz as quaes se pospõem outras montanhas de uma extraordinaria variedade de fórmas, desdobram-se, contrahem-se, fecham-se, e tornam a abrir-se, parecendo querer attrahir os nossos olhos para as planicies deliciosas do velho Latium, limitadas ao meio-dia pelo mar que banha as costas de Africa e as da Toscana, *vastum mare et spatiosum manibus*.

No oriente ha outras bellezas e outras recordações: constitue, pelas suas doutrinas, pela sua philosophia e artes, pelas suas leis e costumes, um mundo á parte, mysterioso e grande. Mas, para nós, homens do occidente, nenhum logar mais nos commove do que Roma, nem nos falla uma linguagem que mais nos penetre. Todo o nosso passado existe alli, envolto na sua funebre pompa: e apparece sósinho. O tempo adeja suspenso, ondulando sobre essa terra, onde as almas, como as crescidas hervas do cemiterio, só desferem sons languidos e plangentes! Olhae o horisonte, do alto d'essas ruinas, nem um signal annuncia a voz do futuro!

BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

II.

I.

Aquelle cujo coração é recto, e que nutre pelos outros os mesmos sentimentos que tem por si, não se afasta da lei moral do dever prescripta aos homens por sua natureza racional: não faz aos outros o que não deseja que lhe façam.

A regra da conducta moral do sabio impoz-lhe quatro grandes obrigações: eu não posso cumprir completamente uma, sequer. O que se exige de um filho, submettido a seu pae, não posso observal-o ainda; o que se exige de um vassallo, submettido a seu principe, não posso observal-o ainda; o que se exige de um irmão menor, submettido a seu irmão maior, não posso observal-o ainda; o que se exige dos amigos, não posso observal-o ainda. Exercicio d'estas virtudes constantes, eternas; a circumspecção nas palavras de todos os dias; diligenciar todos os esforços para chegar ao inteiro cumprimento de seus deveres; não deixar escapar palavras superfluas; comportar-se de modo que as palavras correspondam ás obras, e as obras ás palavras: obrando d'este modo, como não será o sabio sincero e verdadeiro?

II.

O sabio identificado com a lei moral conserva sempre sobre si o sufficiente imperio para cumprir os de-

veres do seu estado, qualquer que seja a condição d'este.

Se está n'uma posição superior, não atormenta seus inferiores; se está n'uma posição inferior, não faz sollicitações baixas e indignas áquelles que se acham n'um logar superior.

O homem que sáe fóra da estrada do dever lança-se em mil emprezas temerarias para procurar o que não deve obter.

III.

Para que os sentimentos dos ministros de um principe tenham sempre o bem publico por mobil, devem conformar-se á grande lei do dever; e esta grande lei deve ser procurada na humanidade, n'esta mais bella virtude do coração, que é o principio do amor para todos os homens.

Esta humanidade é o proprio homem; a amizade para os parentes é o primeiro dever. A justiça é a egualdade; é distribuir e dar a cada um o que lhe confere e pertence: honrar os homens fórma o seu primeiro dever.

Os deveres mais universaes para o genero humano são em numero de cinco, e o homem possue tres faculdades naturaes para os praticar. Os cinco deveres são: as relações que devem existir entre o principe e seus ministros, o pae e seus filhos, o marido e a mulher, os irmãos maiores e os irmãos menores, e a união dos amigos entre si; estas cinco relações constituem a lei natural do dever mais universal para os homens. A consciencia, que é a luz da intelligencia para distinguir o bem do mal; a humanidade, que é a equidade do coração; a coragem moral, que é a força da alma, são as tres grandes e universaes faculdades moraes do homem.

Se aquelles que estão n'um logar inferior não obtem a confiança de um superior, o povo não será bem administrado. Ha um principio certo nas determinações d'esta relação: *Aquelle que não é sincero e fiel com seus amigos, não obterá a confiança de seus superiores.* Ha um principio certo para determinar as relações de sinceridade e de fidelidade com os amigos: *Aquelle que não é submisso a seus parentes, não é sincero e fiel com seus amigos.*

IV.

Os homens soberanamente perfeitos, pela grandeza e proficiencia da sua virtude, assimilam-se com a terra; por sua altura e brilho, assimilam-se com o ceo; por sua extenção e duração, ([1]) assimilam-se com o espaço e o tempo sem limite.

Aquelle que está n'esta alta condição de santidade perfeita, não se mostra, e comtudo, como a terra, revela-se por seus beneficios; não se desloca, e comtudo, como o ceo, opéra numerosas transformações; não construe, e comtudo, como o espaço e o tempo, chega ao aperfeiçoamento de suas obras.

V.

O *Livro dos Versos* diz: ([2])

« Elle cobria sua opa de ouro de um sobretudo grosseiro. »

Elle odiava o fausto e a pompa de seus ornamentos. É assim que as acções virtuosas do sabio se escapam ás vistas, e comtudo se revelam cada dia, de mais em mais, em quanto que as acções virtuosas do homem inferior se produzem com ostentação e desapparecem no outro dia. A conducta do sabio é sem sabor como a agua, mas comtudo não é fastidiosa; é occulta, mas comtudo é grave e bella; parece confusa e desordenada, mas comtudo é regular. O sabio conhece as cousas afastadas, isto é, o mundo, os imperios e os homens, pelas cousas que o tocam, por sua propria pessoa; conhece as paixões dos outros pelas suas, pelos movimentos do seu coração; conhece os mais secretos movimentos de seu coração pelos que se revelam no dos outros. É assim que elle póde entrar no caminho da virtude.

O *Livro dos Versos* diz: ([1])

« Sê attento sobre ti mesmo, até em tua casa;

« Não faças cousa alguma, nem mesmo no logar mais secreto, de que possas envergonhar-te. »

VI.

Expressões ornadas e floridas, um exterior preparado e cheio d'affectação, alliam-se raras vezes com a virtude sincera.

Thseng-tseu diz: Eu me examino cada dia sobre tres pontos principaes: Não terei gerido os negocios de outro com o zelo e a mesma integridade que os meus proprios? não terei eu sido sincero nas minhas relações com meus amigos e meus condiscipulos? não terei eu conservado cuidadosamente e praticado a doutrina que me foi transmittida por meus instituidores?

KHOUNG-TSEU diz: É necessario que os filhos tenham piedade filial na casa paterna, e deferencia fraternal fóra. É necessario que sejam attentos nas suas acções, sinceros e verdadeiros nas suas palavras para todos os homens, que amem com toda a força e extensão de sua affeição, ligando-se particularmente ás pessoas virtuosas. E se, depois de quites com os seus deveres, lhes restam ainda forças, devem applicar-se a ornar o seu espirito pelo estudo, a adquirir conhecimentos e talentos.

Tseu-hie (discipulo de KHOUNG-TSEU) diz: Ser inflammado da virtude dos sabios; servir seu pae e mãe tanto quanto está ao seu alcance; votar sua pessoa ao serviço do principe; e, nas relações que dizem respeito aos seus amigos, observar sempre uma sinceridade e fidelidade a toda a prova: ainda que todo o que obrar assim possa ser considerado como desprovido de instrucção, eu o chamarei um homem instruido.

KHOUNG-TSEU diz: Durante a vida de vosso pae, observae com cuidado sua vontade; depois da sua morte, tende sempre os olhos fixos sobre suas acções.

(Conclue).

PHYSIONOMIAS DOS COPTAS, ARABES, TURCOS, E JUDEOS.

Póde-se considerar os coptas como descendentes dos antigos egypcios. Faces muito salientes e redondas, olhos pouco abertos, nariz curto, bocca grande muito distante do nariz, cabellos lanudos, e barba rara e pobre: taes são as feições que os caracterisam.

Os baixos relevos, as estatuas e, particularmente, a esphinge, restos preciosos das artes do antigo Egypto, offerecem-nos os mesmos caracteres. A estatura dos coptas é media, suas fórmas despidas de graça e ligeireza. O fogo do genio, apagado pela sujeição, já não brilha em seus olhos; comtudo, nota-se-lhes ainda a expressão da sagacidade e da astucia. Nenhuma de suas feições accusa a coragem, a energia ou a vivacidade das paixões; mas tem o caracter da paciencia, qualidade de que em tão larguissima escala os turcos hão impunemente abusado.

A physionomia do arabe differe singularmente da do copta. Seus olhos são cheios de fogo, seus labios

([1]) Allude á eternidade do seu nome e obras.
([2]) Livro *Koue-foung*, ode *Chi-jeu*.

([1]) Livro *Ta-ya*, ode I.

delgados e rosados, sua barba curta e disposta em madeixas pont'agudas: todas as suas fórmas são angulosas, e seus membros musculados revelam antes força e agilidade, do que graça e belleza. Notam-se estes signaes no arabe pastor; mas são infinitamente mais salientes no arabe do deserto. A independencia d'este, e o estado de guerra em que vive, dão-lhe um caracter de orgulho selvagem assaz notavel. Todas as feições do arabe beduino revelam uma alma energica, ardente, e manifestam a grandeza e nobreza moral em subido grão.

A guerra é o elemento do beduino: quando uma invasão estrangeira ou contendas intestinas perturbam o repouso do Egypto, põe-se logo em movimento. Não é para se alistar n'um ou outro partido; é para roubar ambos, segundo as circunstancias, e, para nos servirmos da expressão energica d'um auctor distincto, onde está a preza, está o inimigo do beduino.

Comtudo, estes homens, tão temidos em suas excursões, são bons, civis e hospitaleiros nas suas tendas. Recebem o estrangeiro com intimo agrado, hospedam-o, sustentam-o, sem por uma e outra cousa exigirem gratificação alguma, e tal é o desejo e o prazer que sentem em o obsequiar, que até o divertem. N'estes pontos differem bastante dos mouros espalhados pela Africa, não obstante estes professarem a mesma religião, e seguirem o mesmo genero de vida.

Naturalmente graves, austeros e silenciosos, os arabes são inimigos dos jogos, da embriaguez, e do riso: desconhecem a calumnia, e por isso raras vezes alteram a união que entre si reina.

O arabe cultivador, habitante do Egypto, corrupto e subjugado, perdeu quasi de todo o caracter physionomico da sua nação. Não se lhe encontra esse cunho de nobreza e elevação que tão pronunciadamente distingue o arabe beduino, e de que se nota alguns vestigios sobre o rosto do turco.

Narraremos algumas anecdotas para acabar de pintar o caracter energico, a um tempo cruel e generoso do arabe. Falla M. Denon.

« Ao segundo dia de marcha das nossas tropas, na partida d'Alexandria, alguns soldados encontraram, proximo de Béda, no deserto, uma joven mulher com o rosto ensanguentado e uma criancinha nos braços. Excitados pela curiosidade, chamam o seu guia, que ao mesmo tempo lhes servia d'interprete, e aproximam-se. Uma mãe e um filho recem-nascido no meio



Typos coptas, arabes, turcos, e judeos.

do deserto! Prevêem logo que tão cruel espectaculo é a consequencia e o effeito d'um furor ciumento. Os murmurios da victima são rogos de misericordia para o innocente que partilha sua desgraça e vae morrer de miseria e de fome. Movidos de piedade, os nossos soldados dão-lhe uma parte da sua ração, esquecendo suas necessidades para satisfazer a uma necessidade mais instante, e privam-se de sua agua rara, quando vêem aproximar-se um furioso, que, de longe, repassando os olhos do espectaculo de sua vingança, não perdia de vista as suas victimas, e correr á mulher, arrancar-lhe de suas mãos esse pão, essa agua, essa ultima fonte de vida que a compaixão acabava d'offerecer á triste!

— « Arredae-vos! (exclama elle), ella faltou á sua honra e ultrajou a minha: esta criança é o meu opprobrio, é filha do crime. »

« Os nossos soldados pretendem oppor-se; mas o ciume do arabe se irrita desordenadamente ao ver que o objecto do seu furor continúa a enternecel-os; prepara a sua espingarda, aponta, fere mortalmente a mulher, toma a innocente criança, atira com ella ao ar e a pisa; depois, estupidamente feroz, fica immovel e olha fixo aquelles que o rodeiam, como desafiando-lhes a vingança. »

« Um official francez estava, havia um mez, prisioneiro d'um chefe d'arabes. O campo foi surprehendido uma noite pela nossa cavallaria, e o chefe arabe apenas se pôde salvar; tendas, provisões, etc., tudo ficou nas nossas mãos. No outro dia, errante, isolado, sem recursos, tira de seus vestidos um pão, e dando metade ao seu prisioneiro, diz-lhe:

— « Eu não sei quando comeremos d'outro; mas não se me censurará de não ter repartido o ultimo com o amigo que por tal tenho. »

A physionomia dos turcos tem muita relação com a dos arabes. Adoptando os costumes e a religião d'este povo, tomaram tambem o caracter de suas feições. Mas as bellezas dos turcos são mais graves, e suas fórmas mais delicadas. A espessura de suas palpebras apaga um pouco o fogo e a expressão de seus olhos. Uma côr menos trigueira, uma barba mais comprida e farta, um pescoço redondo e grosso, uma gravidade rude, que elles tomam por nobreza, uma bocca bem contornada terminam o retrato. O caracter moral dos turcos apresenta as mesmas relações. O turco é capaz de conservar por muito tempo em seu coração o espirito de vingança, que desenvolve energicamente quando a occasião favoravel se apresenta.

Ainda que naturalmente reflexivos e intelligentes,

partilham a indifferença dos asiaticos para as sciencias da Europa, e os preceitos da sua religião prohibem-lhes a pratica das artes d'imitação.

O turco desenvolve uma perseverança infatigavel, quando se trata de seguir um projecto susceptivel de o enriquecer, e é capaz de sacrificar ao seu interesse os laços da amizade, e até os do sangue. N'outra qualquer circunstancia, é cortez, serviçal, humano e grato; mas estas qualidades não se estendem aos christãos senão quando d'estes ha a esperar alguma vantagem: feição que manifesta bem a intolerancia religiosa que caracterisa o turco.

Espalhados, disseminados sobre toda a superficie da Europa e em muitas partes da Asia, os judeus conservam sem alteração sua physionomia nacional e seu caracter moral. As mesmas causas que tem conservado puras e sem mistura as raças indicas e chinezas, hão igualmente obrado entre os judeus. É ao seu extremo afferro pelas opiniões e usos de seus paes que é devida a integridade de seus costumes primitivos: afferro que caracterisa assaz a maior parte dos povos da Asia, muito maior nos judeus pela perseverança e excessiva constancia que os caracterisa.

As feições distinctivas da physionomia judaica residem principalmente na fórma do nariz e na do olho; a sua sobrancelha é espessa, e seu olhar fino e penetrante. Este olhar, se não é muitas vezes animado pelo fogo do genio, indica ordinariamente um espirito sagaz.

Egualmente desprezados pelos christãos e musulmanos, desde o momento em que o christianismo se tornou a religião dominante da Europa, e o islamismo se espalhou na Asia, os judeus não viram aberta ante si senão uma unica carreira: a do commercio. Mas não era praticando o commercio em grande que elles poderiam escapar aos effeitos da intolerancia religiosa: a publicidade das riquezas que adquiriam acordaria a inveja e avida concupiscencia. Foram, pois, reduzidos a pratical-o em silencio, e a empregar vias subterraneas, e quasi sempre tortuosas, e d'ahi espreitarem todas as occasiões que lhes podiam offerecer algum ganho, entrincheirando-se n'uma economia extrema, levada até á avareza, porque eram os unicos meios de compensar a pouca extensão de seu negocio primitivo.

As circunstancias mudaram; mas o impulso dado subsistiu. D'ahi provém esse tão conhecido caracter que sempre distingue o judeu.

As feições das judias são ordinariamente moldadas pela mão das Graças, e estão muito longe de offerecerem a expressão que caracterisa seus esposos. É que as causas moraes e physicas que modificam, d'uma maneira tão incrivel, o caracter dos homens dos diversos paizes, imperam infinitamente menos sobre o caracter das mulheres. Este é mais independente do clima, do genero de vida, e da natureza do governo. Nota-se menos differença entre a mulher do feroz cannibal da Nova-Zelandia, e o selvagem indico da Nova-Hollanda e a européa, que entre seus esposos.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

IV.

O MATRIMONIO.

I.

Se nos propozessemos rebater todas as vulgaridades que se tem escripto e dito ácerca do matrimonio, formariamos livros para uma bibliotheca, em vez de formar *apontamentos para um livro*.

A historia do matrimonio é a historia da humanidade.

Dois entes creou Deus no principio, e creou-os para que se amassem, se unissem e vivessem em commum. A aura do Paraiso levou nas azas o primeiro suspiro de amor; o primeiro leito nupcial foi um leito de flores nascidas pelo impulso d'uma palavra do Eterno, e ternamente acariciadas pelo seu halito soberano. A obra de Deus atravessa os seculos e salva as distancias. Quererá o homem destruil-a ou emendal-a?

O amor é uma farça, que termina ordinariamente em boda.

A ingenuidade do auctor d'esta maxima só póde comparar-se á ingenuidade de quem a applauda.

O amor deve considerar-se como um grande poema, cujo primeiro canto é o matrimonio.

Se um poeta latino disse *cave de nuptiis*, mil poetas anteriores, coetaneos e posteriores tem dito que o bom matrimonio anticipa na terra a felicidade do ceo: se vivessem em celibato Alexandre e Annibal, Platão e Homero, Virgilio e Horacio, um milheiro de heroes por cada Alexandre e cada Annibal, um milheiro de philosophos por cada Platão, e muitos milhares de poetas por cada Homero, cada Horacio, e cada Virgilio, dobraram a cerviz sob o jugo do hymeneo.

Um proverbio muito antigo proclama, que o que se casa mette a mão n'um cantaro, onde ha noventa e nove cobras e uma sanguisuga. Quem acertará com a boa presa?

Este proverbio deve estar errado: onde se diz *o que* se casa, leia-se *a que* se casa.

Contam de Pythagoras, que tendo dado sua filha em matrimonio ao maior inimigo que tinha, e sendo censurado por tão estranha conducta: «Não posso, respondeu o philosopho, dar-lhe maior prova de rancor nem occasionar-lhe maior mal».

D'este facto, que *si non è vero è ben trovato*, só uma consequencia se deduz: que tal seria a filha de Pythagoras!...

Não é possivel, segundo Cicero, casar a um tempo com a philosophia e com uma mulher.

Comtudo, Cicero foi philosopho e casado.

O matrimonio é de todas as cousas sérias a mais divertida.

Esta sentença, que se attribue a Beaumarchais, seria mais exacta concebida n'estes termos:

O matrimonio é, de todas as cousas divertidas, a cousa mais verdadeiramente séria.

Casar é perder a liberdade e entrar na escravidão; diz isto o vulgo.

Casar é adquirir a santa liberdade do espirito, e sacudir a tyrannia das paixões; diz isto a razão.

Lemos em Mad. Staël, que o sacramento do matrimonio não apaga, como o do baptismo, as manchas originaes.

Não comprehendemos a profundidade nem a intenção da maxima; presumimos, comtudo, que Mad. Staël não ignora que para os catholicos o sacramento do matrimonio confere a graça.

No matrimonio póde achar-se o inferno, o purgatorio, ou o paraiso.

Aos primeiros caminha-se quando guia sómente a cabeça; ao segundo póde caminhar-se quando se obedece tão sómente a um arrebatamento do coração.

Por isso póde dizer Petit-Senn com tanta justiça: «para conjurar a tempestade das paixões, casar com uma boa mulher é um porto na tormenta; porém o matrimonio desacertado é a tempestade no porto.»

Horrivel tempestade! contra ella só serve de para-raios a morte.

As avesinhas buliçosas que cantam na enramada, as pombas que arrulham ternamente, a mariposa que revôa em torno das flores, tudo ensina ao homem com a linguagem poetica da natureza esta verdade amarga e anniquiladora:

«Tu só, rei da creação, obra predilecta do Creador, tu só te rebellas contra a lei eterna que rege os espaços; tu só fizeste do amor um commercio, e do matrimonio um repugnante jogo d'azar.»

E o homem não se envergonha da sua pequenez; e a humanidade segue o seu caminho!

Casar, para o vulgo dos homens, é um negocio como outro qualquer; casar, para o vulgo das mulheres, é adquirir um marido, ter o direito de sair só á rua, e mudar pelo de *senhora* o seu titulo de *menina*.

Casar, para o homem e para a mulher de talento, é dar metade da alma e receber a outra metade; se as duas metades se adaptam perfeitamente, ahi está o paraiso; se não se adaptam, se de duas existencias, que eram d'antes completas, resultam duas incompletas, ahi está o inferno.

Medi bem, vós os namorados, as proporções da alma que entregaes, e da alma que recebeis. É esse todo o segredo.

O *sim* que se pronuncia nos altares leva o seu echo mysterioso até aos ceos. Ouve-o Deus.

Aquelle *sim* encerra todo um hymno, ou toda uma elegia: um thesouro de ternura e de felicidade, ou um mar insondavel de pranto e de afflicções.

Aquelle *sim* é a sentença de vida ou de morte para o coração, e talvez que para o espirito.

Meditae muito n'essa palavra tão curta de pronunciar-se, e tão larga de sentir-se; de só tres letras consta, e é capaz de encher todo o livro da vida; em menos d'um segundo se profere, e dura toda a eternidade.

O matrimonio é um magnifico alcaçar que não tem mais do que uma porta: *o amor*. Alguns affirmam que tambem tem porta-falsa: *o interesse*; porém, essa está reservada para os entes mais abjectos, para toda a classe de gente ordinaria.

Os que aspiraes a entrar pela primeira, purificae o vosso coração; nem de pensamento profaneis o sanctuario. Os que aspiraes a entrar pela segunda, não vos regozijeis, porque o codigo penal não marca para vós cadeias nem presidios, como para o resto dos industriosos: a justiça do ceo alcança aonde não póde chegar a justiça da terra. Qual haverá de maior do que a cadeia e o presidio que vós mesmos acceitaes?

E, comtudo, não educam a mulher; e deixam-n'a exposta ao risco constante da sua perdição.

Ensinam-a a adornar-se, a ser, ou pelo menos, parecer bella, e que tem amor; e não a ensinam a ter amor; e não a ensinam a distinguir os amores, e não a ensinam a conhecer os homens senão pelos galanteios que lhe dirigem, ou talvez que pelos artificios que armam á sua innocencia.

Triste condição da mulher!

Não basta ao nosso exigente sexo obter o direito de *eleger*, e fraudar o sexo fraco até ao direito de *acceitar*, senão que abusa da superioridade dos seus recursos; e abusa covardemente, acrescentando ao insulto a crueldade; chamando ás mulheres arteiras e diabolicas.

Arteiras, quando toda a sua arte se reduz a esperar quiçá um malvado que as engane!

Diabolicas, quando por cada infelicidade que o homem lhes perdoa, depois de publical-a, perdoam ellas ao homem mais de cem, e em silencio!

É difficil aventurar juizo algum a respeito das mulheres quando se casam; em geral carecem da conveniente educação, e ignoram a importancia do passo que vão dar.

Debaixo d'este ponto de vista, póde dizer-se com affoiteza, que a mulher é um enigma que não se explica, até depois do matrimonio.

A primeira tarefa do marido, regra geral, deve ser educar carinhosamente sua esposa. A mulher será, portanto, o reflexo das virtudes ou dos vicios do marido.

Não quer isto dizer que hajam tantas mulheres infieis como maridos dissipados; nem que não abundem mulheres de coração de ouro unidas a homens de coração de marmore, martyres verdadeiras do juramento conjugal. Não é isso por fortuna.

Os vicios do marido não se reflectem sempre em vicios analogos da mulher. (Que fôra então da sociedade?) Reflectem-se nos soffrimentos, nas lagrimas, na immensa amargura da infeliz que engastou a sua alma pura e innocente n'uma alma damnada e corroida.

As virtudes do marido reflectem-se sempre em virtudes analogas da mulher.

É tão facil vêr a mulher boa unida ao homem máo, como difficil que permaneça sendo má a mulher que se unir ao homem bom.

Quando o homem e a mulher de talento se estreitam no duplo vinculo da virtude e do amor, e o amor e a virtude formam o baixel em que aprazivelmente navegam pelo mar da vida, serve-lhes de piloto um anjo; é a immortalidade o seu rumo, e o seu porto o ceo.

(Continúa). BRITO ARANHA.

SYLPHOS E SYLPHIDES.

As mythologias oriental, scandinaviana, germanica e gauleza, revelaram á nossa imaginação um mundo de genios bons e funestos. O ar, a terra, os mares, e o fogo que se revolvem nas entranhas e á superficie da terra, tudo é povoado. As tradições de tantos paizes e nações vêem, nos seculos de barbaria, convergir na Europa occidental, em seguida ás grandes invasões que vomitam sobre o mundo romano as legiões guerreiras do mundo barbaro. A cabala que, ao longo do Euphrates e do Tigre, enxertou n'um ramo judaico as superstições da Persia e da India, penetrou na Gallia, na Espanha e na Italia. É gravemente commentada nas escholas, e a mythologia da idade media escapa-se, extravagante e phantastica, d'essa fusão de tantas crenças, como o phenix da fogueira aromatica, onde foi consumido para renascer mais joven e vigoroso. Cada um dos quatro elementos povôa-se de creaturas mysteriosas e invisiveis. A terra é povoada pelos Gnomos, genios feios, informes e pequenos, que, com suas mulheres, chamadas Gnomidas, habitam as fendas metallicas do globo, onde guardam, como os Griffos das Arimaspas, o ouro e a prata, os diamantes e as pedras preciosas escondidas n'estas mysteriosas profunduras. A agua é povoada pelas Ondinas, o fogo pelas Salamandras, e o ar pelos Sylphos e as Sylphides.

Os Sylphos são dotados d'uma mocidade quasi eterna. Bellos, esveltos, graciosos, e levados sobre duas azas mais brilhantes que as das borboletas, estes genios balançam-se nos ares, cruzam na atmosphera por entre os raios do sol, embriagam-se do perfume das flores que a brisa lhes envia, perdem de amores as donzellas, e banham-se nas perolas que o rocio da madrugada depõe sobre o calice fascinante dos lirios e das rosas. Esses ternos murmurios, esses melodiosos accordes, essa harmonia suave que ouvis nas bellas noites d'estio, quando vagaes nos prados esmaltados, pelas margens dos limpidos regatos, e em torno das florestas, acaso os attribuis ao sopro do zephyro, ao ligeiro zunido dos insectos, ás azas agitadas das aves?

Se um Sylpho se dignasse apparecer-vos, elle vos diria que estes ruidos, sobre cuja natureza tanto vos

enganaes, são a linguagem suave e encantadora dos habitantes do mundo aerio.

Os Sylphos occupam um gráo intremedio entre os homens e os puros espiritos. O seu corpo compõe-se d'uma materia tão ligeira, tão tenue, tão transparente, que os nossos grosseiros sentidos são impotentes para vel-a ou apalpal-a. Comtudo, algumas vezes, revestindo-se d'uma apparencia mais similhante á nossa, se tornam visiveis aos mortaes privilegiados. Estas apparições, porém, são raras, e não se manifestam senão em favor d'alguma joven que soube captivar um Sylpho pelos attractivos de sua belleza, ou d'um joven de quem uma Sylphide se enamorou. Mas o genio perde então o privilegio da immortalidade; suas azas radiosas se desprendem de suas brancas espadoas, e o seu destino se confunde com o da creatura humana, que o fez desprender do seu primittivo esplendor.

MONTESQUIEU E OS JUIZOS DOS LETRADOS.

Quando Montesquieu completou a sua obra immortal, intitulada *O Espirito das Leis*, não quiz publical-a, sem primeiro a submetter ao juizo de um dos seus mais intimos amigos, Helvetius, sabio de grande erudição e muitos talentos.



Montesquieu.

Este homem illustre, depois de haver lido e meditado o manuscripto, taes desconchavos e incorrecções lhe encontrou, que, desde logo, reputou perdida a fama do seu amigo, se se publicasse o *Espirito das Leis*; e não tendo a coragem de manifestar-lhe o seu voto, rogou-lhe a permissão de enviar a obra a Saurin, auctor do *Spartacus*, e amigo commum de ambos.

Este fez o mesmo juizo do *Espirito das Leis*.

Segundo um e outro, apparecendo aquelle livro, a celebridade do auctor das *Cartas persas* perderia os gloriosos titulos de que gozava, como sabio e legislador.

«Eis-ahi, escrevia Helvetius a Saurin, a obra que tão serios cuidados me dá, pela amizade que tenho ao nosso commum amigo, e pela humanidade que elle muito melhor poderia servir.»

Combinou-se entre os dois, que Helvetius escreveria a Montesquieu, revelando-lhe o juizo que haviam feito pela leitura do seu manuscripto, e convidando-o a revel-o e a não publical-o n'um estado tão imperfeito.

Saurin temeu que Montesquieu se offendesse; Helvetius, porém, desvaneceu-lhe este receio, dizendo-lhe que o auctor das *Cartas persas* era homem docil, desejoso d'acertar, e respeitador dos conselhos de seus amigos, segundo juizo em que tanto, d'esta vez, se enganaram.

Os conselhos dos dois amigos exerceram tão pouca influencia em Montesquieu, que no dia seguinte á resposta mandou o manuscripto para a imprensa, sem nada lhe corrigir, tirar ou accrescentar, a não ser a seguinte epigraphe: *Prolem sine matre creatam* (posteridade sem mãe), indicando assim, com razão, que a obra não tinha modelo, do que muito se felicitou no prefacio de que a fez preceder.

O successo não illudiu a confiança que teve em si. Este successo foi tal, que sabendo que o seu livro se prohibia na Austria, escreveu, sem exaggerar a verdade, ao marquez de Stain-ville, ministro do imperador d'Alemanha em Paris:

«V. Ex.ª vê que uma obra, de que se fizeram trinta e duas edições em dezenove mezes, que está sendo traduzida em quasi todas as linguas, que, por consequencia, encerra cousas uteis, não merece ser proscripta pelo governo.»

Esta carta é datada de 27 de maio de 1750; e com effeito o *Espirito das Leis* não appareceu senão em maio do anno de 1759.

Se foi muito lida, muito admirada, muito louvada, esta obra, como todas as que produzem uma grande sensação, tambem foi muito atacada.

M.ᵐᵉ Deffaut disse que não era *O Espirito das Leis*, mas o *espirito sobre as leis*, palavra que fez fortuna, porque tinha justamente o gráo de verdade precisa para um epigramma.

Mas muito maior fortuna teve e deu a obra condemnada por Helvetius e Saurin ao editor, e maior fortuna moral ao auctor e sua memoria, porque o *Espirito das Leis* é ainda hoje uma obra monumental, e continuará a sel-o em quanto houver quem saiba o francez e as outras linguas em que se acha traduzida.

E pois que extractámos este interessante episodio, de grande lição para os individuos de talento que andam amarrados ás notabilidades, seja-nos permittido accrescentar duas linhas de nossa casa, que é como a moralidade da narração.

O verdadeiro juiz de todas as obras, de qualquer natureza e especie que sejam, é o publico, quando este publico raciocina, medita, e, sobre tudo, sente.

Escutae com doçura, para melhor comprehender e poderdes responder em harmonia com a razão e a verdade.

Ecclesiastico, VI.

A benevolencia adquire mais amigos do que a riqueza, e mais credito do que o poder.

FENELON.

Explicação do enigma do numero antecedente.

O pardo é uma cor entre o preto e o branco.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.